



Eixo: Serviço Social, relações de exploração/opressão de gênero, raça/etnia, sexualidades.

Sub-eixo: Feminismo e Serviço Social

ARTEMISIA GENTILESCHI E JUANA INÉS DE LA CRUZ: EXPRESSÕES DO FEMINISMO NA HISTÓRIA DA ARTE E LITERATURA

MIRLA CISNE ALVARO¹

FERNANDA MONIQUE DE LIMA FERREIRA²

ARYANNY FADJA BERNARDO DO NASCIMENTO³

Resumo: A história da arte e da literatura é marcada por uma forte invisibilidade das mulheres. O objetivo deste artigo consiste em analisar aspectos da vida e obra de Artemisia Gentileschi e Juana Inés de la Cruz, como expressões feministas de resistência na história das mulheres no mundo da arte e da literatura, respectivamente. Para isso, realizamos uma pesquisa qualitativa de iniciação científica (PIBIC-CNPq), de tipo bibliográfica e documental, analisando a vida de Juana Inés de La Cruz e Artemisia Gentileschi, sendo estas, respectivamente, a primeira escritora feminista das Américas e a primeira pintora em nível mundial, que rompem com os ideais conservadores de sua época, com uma visão de mulheres fracas, submissas e incapazes.

Palavras-chave: mulher; arte; literatura; feminismo.

Abstract: The history of art and literature is marked by a strong invisibility of women. The aim of this article is to analyze aspects of the life and work of Artemisia Gentileschi and Juana Inés de la Cruz, as feminist expressions of resistance in the history of women in the world of art and literature, respectively. For that, we carried out a qualitative research on CNPq (PIBIC-CNPq), of a bibliographical and documentary type, analyzing the life of Juana Ines de la Cruz and Artemisia Gentileschi, who were the first feminist writer in the Americas and the first painter on a world-wide level, who break with the conservative ideals of their day, with a vision of weak, submissive, and incapable women.

Keywords: woman; art; literature; feminism.

INTRODUÇÃO

A literatura é considerada a arte da escrita. Uma maneira de dar voz às interpretações objetivas e subjetivas da sociedade. Como pensar a relação da literatura com as mulheres, já que historicamente são sujeitos que o

¹ Professor com formação em Serviço Social. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: < mirlacisne@gmail.com >

² Estudante de Graduação. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

³ Estudante de Graduação. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

patriarcado não considera sua voz? Mulheres que são educadas a se sentirem representadas pela voz dos homens? Quais as primeiras que se opuseram a esse sistema de invisibilização das mulheres? Quais os primeiros escritos de mulheres que contestaram a inferioridade feminina e reivindicaram a nossa dignidade? Por que menos de 5% de artistas da secção de arte moderna são mulheres, mas 85% dos nus são femininos, segundo Mayayo (2011 [2003])? É sob a inquietação dessas perguntas que apresentamos o presente artigo.

Pensar sobre a vida e história das mulheres é fazer referência a processos de desigualdade e invisibilidade, marcados pela dominação e exploração dos seus corpos, como também pela apropriação de seu potencial intelectual e artístico.

Esse processo é determinado pela existência do patriarcado como um sistema que dita uma divisão e hierarquização de sexos como se tratasse de processos naturais, entretanto, trata-se de uma construção social que confere às mulheres diversos tipos de desvantagens em todos os aspectos da vida. Isso nos revela que enquanto há uma desvalorização do ser mulher, a imagem do homem é sempre ressaltada e valorizada perante a sociedade, enquanto há uma intensificação da invisibilidade da mulher, o que nos permite questionar: esse processo seria intencional e a quem ele confere vantagens?

Esse processo alimenta a lógica posta pelo sistema patriarcal-racista capitalista que para superexplorar mulheres em sua força de trabalho, bem como se apropriar de trabalho não remunerado, como o doméstico, define que os espaços menos visíveis, desvalorizados e sem prestígio são femininos. Há, assim, uma tendência frequente e considerada natural de que o âmbito privado é prioritariamente das mulheres, ficando a margem da vida pública, dos acontecimentos políticos e artísticos.

Essa tendência de manter a mulher no *lócus* da casa reforça a submissão e exploração da mulher pelo homem, considerado ainda hoje como provedor e chefe. As lutas travadas até hoje pelo Movimento Feminista, entretanto, trazem a nós, mulheres, ganhos significativos relacionado à busca por uma sociedade que não nos enxergue como propriedade, e que sejamos protagonistas da nossa história. Uma luta diária e árdua, mas que permite a cada dia que mais mulheres sejam vistas sem estarem à sombra dos homens,

vistas por ser quem são e pelo o que conquistaram por si mesmas, como mulher.

Questionar a inferiorização da mulher em relação ao homem, constitui-se um passo indispensável à democracia e à luta por uma sociedade livre e igualitária na qual a mulher possa ser o que quiser sem sofrer qualquer retaliação e opressão.

Nesse sentido, propomo-nos a contribuir para o processo de visibilização e valorização da mulher, buscando desmitificar a ideia de incapacidade que as cercam historicamente, descortinando um pouco da história no mundo da literatura e das artes e assim evidenciar a presença das mulheres e sua importância.

Para isso, realizamos uma pesquisa qualitativa de iniciação científica (PIBIC-CNPq), de tipo bibliográfica e documental, analisando a vida e obras de Juana Inés de La Cruz e Artemisia Gentileschi, sendo estas, respectivamente, a primeira escritora feminista das Américas e a primeira pintora em nível mundial, que rompem com os ideais conservadores de sua época, com uma visão de mulheres fracas, submissas e incapazes. Ambas desnaturalizaram este tipo de visão por meio de suas obras, mostrando-se mulheres fortes, capazes e a frente de seu tempo.

2 MULHERES E ARTE: uma análise feminista

As estruturas e instituições sociais têm grande peso em uma sociedade na forma de conceber os indivíduos, de como são ditadas certos preceitos que colocam as pessoas em posições desiguais na sociedade sobre a justificativa de se tratar de uma essência e/ou algo natural. Nesse processo, podemos citar a religião que dissemina ideias fundamentalistas que são incorporadas e seguidas como dogmas inquestionáveis.

De forma mais precisa citamos os dogmas da Igreja Católica, que exercem um papel muito forte na disseminação de valores sobre a sociedade, reforçando papéis sociais de homens e mulheres na sociedade, colocando o sexo feminino em uma posição de subalternidade e subserviência aos seus maridos.

Embora reconheçamos o peso do poder ideológico de instituições como a família, Igreja e a Escola, entendemos que há uma base material para a determinação da cultura e dos valores disseminados por tais instituições. Partimos do entendimento que a divisão sexual do trabalho é base estruturante das relações patriarcais que se expressam nas ideologias dominantes (CISNE, SANTOS, 2018). Por sua vez, a divisão sexual, segundo Kergoat (2012) é orientada, assimétrica e regida por duas invariáveis: a hierarquia e a divisão. De tal forma que o que é considerado feminino é desvalorizado e o que é considerado masculino é valorizado.

A ideologia patriarcal serve para naturalizar as relações de desigualdade entre homens e mulheres. Toda ideologia que reforça inferiorização e coisificação da mulher, contribui para a reprodução da desigualdade material entre os sexos, ao naturalizar a divisão hierárquica entre homens e mulheres no mundo do trabalho (produtivo e reprodutivo).

Nesse contexto patriarcal, a mulher é vista como um objeto para satisfação do homem, em detrimento da sua vontade, desejo, liberdade e autonomia sobre decidir sobre seu corpo e vida. Devido a isto não podemos negar o patriarcado, “uma vez que, negar a existência do patriarcado é negar a desigualdade entre homens e mulheres” (CISNE, 2012, p. 162).

A mulher é historicamente tratada com alguém que deve servir aos homens casar, ter filhos, cuidar destes e da casa. A naturalização de atividades consideradas obrigações ou mesmo dons femininos contribui diretamente para a desvalorização do trabalho das mulheres, como explica Cisne:

A subordinação da mulher e os “dons” ou habilidades ditas femininas são apropriadas pelo capital para a exploração da mão-de-obra feminina, pois atividades e trabalhos desenvolvidas por mulheres, ao serem vistos como atributos “naturais”, extensões de habilidades próprias do gênero feminino, são consideradas como dons e não trabalho [...]. A naturalização dos papéis ditos “femininos” é apropriada e reproduzida pelo capital, ao contribuir diretamente para seus interesses econômicos, especialmente, no âmbito da reprodução social[...]. Tida como mão-de-obra gratuita, o trabalho da mulher, além de desvalorizado, economiza um grande ônus ao capital (CISNE, 2004, p. 130-131).

Como podemos ver, essa desvalorização da mulher e de seu trabalho serve também ao sistema produtivo que encontra na exploração da força de trabalho da mulher um meio bastante rentável para se sustentar.

Diante dessa exposição nos atentamos para a questão que a condição de ser mulher em uma sociedade patriarcal, lhes confere privação a certos espaços e realidades. Destacamos, por exemplo, a ausência ou presença invisibilizada das mulheres no mundo da literatura e da arte. Essa invisibilização é bastante explícita, visto que os grandes nomes reconhecidos e citados na mídia e na história são homens.

A área da cultura e das artes visuais é ainda uma atividade dominada e reconhecida pela presença dos homens. Embora este fato possa estar em constante debate, é notável a maior incidência da divulgação de imagens e obras artísticas criadas por homens. As mulheres, provavelmente devido à sua aparição como modelos de desenhos, pinturas, gravuras e outras artes, são mais reconhecidas por serem retratadas e menos, como protagonistas e autoras destas (SOUZA; ZAMPERETTI, 2017, p. 255).

A partir do exposto por Souza e Zamperetti, ressaltamos haver uma contradição em relação à mulher na arte, pois, se por um lado não aparece como protagonista ou criadora, por outro, são bastante presente nas telas, como falamos na introdução deste artigo, quando ressaltamos que as mulheres são menos de 5% das pintoras na sessão de artes modernas enquanto 85% dos nus são femininos (MAYAYO, 2011, p. 21, tradução nossa). Assim, sob uma rápida análise sobre a estética da arte na cultura ocidental, já é possível perceber que há uma “hipervisibilidade da mulher como objeto da representação e sua invisibilidade persistente como sujeito criador” (MAYAYO, 2011 [2003], tradução nossa, destaques da autora).

Essa condição da mulher de apresentar-se apenas, fundamentalmente, nas telas significa também uma forma de exploração sobre o seu corpo, uma forma de manter calada a sua voz e reforçar a dos homens que passariam para as telas um ideal de mulher da forma como a idealizava. Pintam, escrevem e narram as mulheres como querem que sejam, sem permitir que sejam por si, falem por si e se pintem.

A pouco menos que invisibilidade da mulher artista desde a antiguidade até próximo dos nossos dias contrasta com a superabundância de imagens e discursos de/e sobre mulheres, que são representadas, descritas ou narradas, muito antes de terem elas a palavra. Pintores, escultores e poetas não se cansam de as tomar como modelos, e legiões de filósofos, teólogos, juristas, médicos, moralistas, pedagogos... dizem incansavelmente o que são as mulheres e, sobretudo, o que devem fazer (PENAMACOR, 2008, p. 2).

Observamos que os homens ao longo da história ditam os espaços que as mulheres devem ocupar, tratando-se também de uma forma de manter poder sobre elas que sempre tiveram fortemente sua liberdade de expressão reprimida.

Na particularidade da história da arte, havia envolta da mulher a ideia de não poderia ser inserida nesse meio sob a justificativa de incapacidade e de que não era espaço para as mulheres. Entretanto cabe ressaltar que houver resistência de mulheres que romperam com a passividade e submissão. Sempre houve mulheres que lutaram, buscaram transgredir a ordem posta e mostrar suas forças, diante isso apresentaremos exemplos de mulheres que romperam com correntes patriarcais.

3 MULHERES QUE OUSARAM LUTAR: inspirações feministas

3.1 Artemisia Gentileschi: pintando a própria vida

Artemisia Gentileschi foi uma pintora italiana barroca (1593- 1654), nasceu em Roma, filha do também pintor Orazio Gentilleschi. Foi a primeira mulher a ser aceita pela Academia de Belas Artes de Florença, na Itália.

Desde cedo se destacou na pintura, contando com o apoio do pai que reconhecia seu talento. Com o intuito de aperfeiçoar o talento da filha, Orazio Gentilleschi, passou a favorecer Artemisia à arte da pintura, antes desta ser aceita em alguma academia. Ressaltamos que na época as mulheres tinham muitas restrições ou mesmo proibições para desenvolver atividades públicas. Por isso, a autoria das pinturas de Artemisia eram atribuídas a seu pai ou

outros pintores. Só assinou sua primeira obra com 17 anos, com a obra Susana e os Anciãos.

IMAGEM 1



Suzana e os Anciões- 1610.

Essa pintura retrata uma personagem bíblica representando a repulsa da mulher, a vergonha, querendo manter distância dos dois homens, pela situação que se encontrava. Na história da personagem, a palavra dos dois anciãos foi o suficiente para que Susana fosse condenada à morte, o que não aconteceu devido à intervenção de outra pessoa, este também homem.

Ainda na adolescência, Artemisia foi vítima de violência sexual de um pintor ajudante de seu pai. Supõe-se que esse trágico trauma tenha influência sobre suas obras, consideradas fortes e violentas, nas quais destaca imagem de mulheres que destoam do padrão socialmente atribuído, ou seja, não retratou mulheres passivas e submissas, mas fortes.

Destacamos outras obras da pintora, como a de Judite e Holofernes de 1612, considerada a sua pintura mais famosa. Acredita-se que esta obra retratava sua própria história, a qual Judite a representaria e Holofernes seu violentador, repassando para a tela toda a sua indignação pelo o que sofreu. Além desta, destacamos a obra: Judite e a serva, ou Judite e a Criada 1613 e Ester e Assuero- 1628-1635.

IMAGEM 2



Judite e Holofernes, 1612.

IMAGEM 3



Judite e a Criada, 1613.

Suas obras eram consideradas violentas, entretanto tratava-se de obras fortes, que traziam coragem por meio das telas a imagem de mulheres fortes. Esta pintora ganhou diferencial em suas pinturas por algumas delas já terem sido pintadas por outros artistas, mas em suas mãos ganham outros contornos.

Geralmente as obras dessa artista tratam-se de personagens bíblicas e/ou mitológicas, a qual acredita-se que as situações de violências sofridas por ela eram repassadas para as suas pinturas, em um forma de vingança às violências sofridas pela sociedade. A pintora passa a ter sua obra reconhecida e seu nome passa novamente a ser apreciada por críticos na primeira metade do século XX, entretanto ganha ainda mais visibilidade quando é tida como ícone feminista por volta da década de 1970.

Diante disso, reforçamos que a história é marcada por desigualdades, entre elas está a desigualdade entre os sexos que por meio do patriarcado hierarquiza as relações, coloca as mulheres em posições subalternas e de submissão. Na arte também não seria diferente, principalmente nos séculos anteriores que as relações em torno da mulher eram ainda mais rígidas e marcadas por relações de poder, assim como hoje ainda é, mas cabe ressaltar que desde sempre houve e há resistência.

Artemisia foi uma dessas mulheres que com sua arte resistiram e fizeram história. Por meio de suas pinturas retratou mulheres em sua maioria

personagens bíblicas, mas diferenciando-se por suas telas demonstrarem força, ousadia das mulheres pintadas, que em cada uma denunciava um situação de exploração sofrida nas suas vidas. Além disso, era uma forma de expressar as próprias violências sofridas.

3.2 Juana Inés de la Cruz: “a pior de todas”

Juana Inés de Asbaje, também conhecida como Sor Juana Inés de la Cruz (1651-1695) nasceu em São Miguel de Nepantla, uma pequena cidade do México. Filha de uma Mulher que era malvista na sociedade por não ser casada, e pai militar. Dada as condições de sua família e considerando que naquela época as mulheres não tinham o direito de estudar, Juana Inês aprendeu a ler por volta dos três anos de idade, observando de longe as aulas assistidas por seus irmãos.

Desde pequena, sempre dispunha de muita curiosidade, gostava de observar tudo ao ser redor e procurava revelar, sozinha, as dúvidas existentes em sua cabeça. Na adolescência, foi levada à corte para servir ao reinado, as atividades que lhe cabiam eram as atividades domésticas costurar, lavar, passar, limpar, o cuidado com crianças e ser dama de companhia das vice-rainhas. Como Juana Inês era muito inteligente, escrevia poesias para as pessoas da corte, em especial a Vice-rainha Leonor Carreto, Marquesa de Mancera, a quem se tornou amiga confidente. Nesse processo, de aproximação com a corte, a poetisa ganhava espaço para desfrutar das riquezas literárias do palácio, com a autorização da rainha pois admirava muito Juana Inês.

A sua beleza intelectual ganhou tamanha proporção que Juana Inês era elogiada por quase todas as pessoas do palácio. Mesmo com tamanha aceitação de uma parte da sociedade, Juana Inês estava em uma condição diferenciada das outras mulheres e isso despertava a intolerância de homens e mulheres que estavam em seu convívio. Era uma situação considerada absurda, naquela época, uma mulher não se restringir ao espaço doméstico e ter liberação para acessar a biblioteca do palácio, embora não pudesse ter

acesso a todo tipo de literatura, pois, algumas eram restritas apenas aos homens e a igreja católica.

A poetisa precisou enfrentar diversas barreiras para continuar tendo acesso aos livros, até precisar decidir entre casar e enclausurar-se em um convento. Diante da condição das mulheres casadas daquela época, Juana decidiu adentrar no convento, podendo assim, ter mais tempo de dedicar-se aos estudos que tanto a fascinava.

Juana Inês viveu em um cenário de reinado na Nova Espanha, século XVII, onde o México designava aos Vice-reis que comandassem o controle das terras, da economia e de seus subordinados, garantindo assim a acumulação de riquezas, a permanência do seu poder e a extensão do território Espanhol. Associado a esse processo, a igreja católica também estava inserida nesse contexto, exercendo forte influência sobre as decisões do reinado e garantindo a continuação da evangelização, afim de não perder a sua hegemonia.

É importante lembrar, que a igreja católica estava vivendo o tempo da Santa Inquisição no território espanhol, que perseguia toda ação considerada herege, profana, que “sujasse” a imagem da igreja e que provocasse qualquer discussão negativa sobre seus dogmas, portanto, qualquer tipo de ameaça a sua doutrina.

Tendo em vista que esses processos eram liderados por homens e que as mulheres eram resumidas ao espaço doméstico e ao cuidado com os filhos/as, o acesso ao conhecimento e o desenvolvimento intelectual eram negados às mesmas. Diante disso, podemos inferir que foi um grande desafio para Juana Inês, como mulher, realizar o prazer incansável da leitura e escrita, tendo em vista a perseguição que sofria por estar ocupando um espaço que não era designado às mulheres, ainda mais, quando demonstrou que de fato era uma mulher de conhecimento grandioso.

Diante do seu destaque, Juana despertou a inveja de muitos homens que estavam em seu convívio, como nos mostra Costa (2017):

Cada dia que passava a fama de uma mulher; freira de São Jerônimo ganhava mais espaço. Consequentemente e gradativamente o padre se sentia inquieto e preocupado com a fama que a musa ganhava, seus biógrafos relatam que o único motivo dessa inquietude se inclina

apenas afirmam ainda que, seu pensamento relacionando toda essa inquietude era também a inveja, pois, o talento dela era inigualável, e tudo que Sor Juana fazia obtinha sucesso” (2017, p. 29).

Juana Inés foi analisada por alguns autores e tida como comportamentos masculinos, por apresentar características de inteligência reconhecida nos homens e não nas mulheres, quando não, como “neurótica”, com afirma Paz: “Sor Juana é uma personalidade neurótica, em quem predominam fortes tendências masculinas” (PAZ, 2017, p. 12).

A poetisa foi considerada feminista, a primeira das Américas. Destemida de seu conhecimento, foi levada a julgamento público diante dos homens considerados mais inteligentes da sociedade para testar a grandiosidade do seu intelecto. Foram apresentadas para Juana Inês cerca de quarenta perguntas, das mais variadas áreas de conhecimento, para que ela respondesse diante de todos esses homens. A intenção era desmoralizar a estudiosa, colocá-la em uma condição de inferioridade em relação aos homens. Porém, Juana Inês obteve sucesso na resposta de todas as perguntas e isso despertou na corte um processo de encantamento e elevação de sua pessoa.

Padre Núñez, era uma liderança da igreja reconhecida pela sua inteligência, atuou como orientador espiritual de vários vice-reis da Espanha e tinha grande prestígio. Porém, ao tornar-se orientador de Juana Inês, percebeu a sua imensurável inteligência e se sentiu ameaçado de perder sua fama e utilizou-se de métodos, justificados pela fé e devoção à Deus, para convencer Juana Inês de que seus versos eram profanos e, que ela deveria escrever apenas palavras que enaltescessem à igreja católica e a Deus.

A inveja de Nuñez deu-se através do seguinte ponto: o padre tinha uma carreira meteórica e bem-sucedida, pois estudou teologia, filosofia, foi professor de latim e guia espiritual dos “virreyes” da Nova Espanha. Mas depois de a religiosa demonstrar seu conhecimento através de um questionário de mais ou menos quarenta perguntas de mestres das mais várias áreas, e responder todas a altura e corretamente. Certamente Nuñez viu ali, o fim de sua glória e fama na corte virreinal” (COSTA, 2017, p. 29).

Essas perseguições que Juana sofria, são caracterizadas pelo sistema patriarcal da nossa sociedade, onde as mulheres são impedidas de terem

protagonismo e reconhecimento sociais sendo, esses aspectos, destinado aos homens, como nos explica Cisne (2018): “O patriarcado, embora atinja de forma estrutural a sociedade, dirige suas implicações centralmente às mulheres” (p. 43).

As obras que mostram o protagonismo da poetisa e caracteriza-a como a primeira feminista do século XVIII são descritas por Costa (2017):

Crisis de un sermón - Carta Athenagórica (1690): foi inspirada em um sermão de Antonio Vieira, Sor Juana descreve e critica um sermão feito por Padre Vieira. Contudo, na época em que fora escrita a famosa *Crisis de un sermón*, mulheres eram proibidas de estudar e de escrever, contra qualquer autoridade da Igreja; *Resposta a Sor Filotea de La Cruz* (1691): é um relato e autodefesa de Sor Juana tratando de sua inclinação pelo saber desde sua infância e juventude; onde ela conta que desejo de saber era desde criança, e a necessidade de estudos como geometria, lógica, teologia, música, ciências, história, direito e outros conhecimentos para entender determinadas escrituras sagradas. Ela defende o direito de a mulher estudar, expondo sua opinião sobre a ideia da inferioridade das mulheres. Defendendo mais uma vez suas paixões à sabedoria com igualdade de direitos. A *resposta* foi publicada formalmente no ano de 1700, em Madrid, em *Obras póstumas*, onde até então apenas circulava informalmente. Hombres Nécios TRABULSE (1979) neste poema, Juana fala sobre seus perseguidores e acusadores. (COSTA, 2017, 23-24).

Com a ajuda da Vice-rainha que sucedeu a Marquesa de Mancera, a Condesa de Paredes e Marquesa de Laguna María Luiza Manrique de Lara y Gonzaga, foram publicados dois volumes das obras escritas por Juana Inês, ainda em vida, “O primeiro, *Inundación Castálida*, editado em Madrid em 1689, e, posteriormente, o *Segundo volumen de las obras de Juana Inés de la cruz*, em Sevilla, em 1692. Juana Inês era muito julgada pelo teor afetivo de seus poemas, por descrever o amor de forma sedutora e por retratar os sentimentos de forma bastante expressiva.

CONCLUSÕES

Entendemos que a divisão sexual do trabalho é determinante para a produção e reprodução da cultura patriarcal de desvalorização e invisibilização das mulheres. Ao dividir e hierarquizar trabalhos segundo o sexo, a divisão sexual do trabalho naturaliza relações desiguais entre homens e mulheres ao

definir profissões e atividades consideradas masculinas e femininas, ditando o âmbito privado e atividades relacionadas ao cuidado, como de mulheres e as públicas, vinculadas diretamente à produção e a esfera política, com prestígio social, como masculinas.

Essa divisão sexual do trabalho se expressa também a história da arte e da literatura, onde tardiamente as mulheres ingressaram e ainda hoje enfrentam maiores dificuldades para se afirmarem como escritoras e pintoras, por exemplo. Tanto porque as mulheres são desvalorizadas intelectual e artisticamente, como por possuírem menos tempo livre para disporem de maiores condições de produção, tendo em vista a sobrecarga de atividades domésticas.

Como vimos ao longo do artigo, a mulher na história da arte aparece muito mais representada por homens do que como autoras protagonistas. Assim, é importante indagar: a representação da mulher na arte como objeto e não como sujeito criador é um reflexo das condições materiais das relações patriarcais de sexo? Ao estudar as determinações do patriarcado e da divisão sexual do trabalho não temos dúvidas que sim. Afinal, a inferiorização da mulher não é um processo natural, mas, histórico.

Por outro lado, não podemos deixar de registrar que onde há opressão, há resistência de mulheres. Daí, nosso intuito de identificar na história da arte e da literatura, mulheres que contrariaram as relações patriarcais dominantes e desnaturalizaram o modelo de mulher “feminino” imposto socialmente, especialmente pela Igreja e pela família patriarcal heterossexista e monogâmica que ao longo da história contribuiu para a invisibilidade e desvalorização das mulheres.

Concluimos que a arte da pintura de Artemisia Gentileschi e a literatura no caso de Juana Inés de La Cruz, sendo estas, respectivamente, a primeira escritora feminista das Américas e a primeira pintora em nível mundial, que rompem com os ideais conservadores de sua época, com uma visão de mulheres fracas, submissas e incapazes, foram exemplos, como de tantas outras mulheres, de denúncias, uma forma de mostrar a realidade social, além de demonstrar a capacidade que as mulheres têm de ser e fazer o que quiserem, mesmo que as relações que se inserem ditem o contrário.

REFERÊNCIAS

A INVISIBILIDADE da mulher na história da arte. Exposição Biblioteca Municipal Penamacor 2008. Disponível em: <http://www.cm-penamacor.pt/00_exposicoes/invisibilidade_da_mulher.pdf> Acesso em 12 jun 2018

ANDRADE, Manoel. **Hispanista**, Revista electrónica de los Hispanistas de Brasil, v. 14, n. 54, Jul./Ago./Sep. 2013. Fundada en abril de 2000 ISSN 1676-9058 (español) ISSN 1676-904X (portugués).

CISNE, Mirla. **Serviço social: uma profissão de mulheres para mulheres? uma análise crítica da categoria gênero na história “feminização” da profissão.** 2004. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade Federal do Pernambuco.

_____; SANTOS, Silvana Mara Morais dos. **Feminismo, diversidade sexual e serviço social.** São Paulo : Cortez, 2018. (Biblioteca básica de serviço social ; v. 8)

COSTA, Ítala Cristina de Souza. **Sor Juana Inés de la Cruz e o contexto da nova Espanha: A musa e seus acusadores.** Monografia. 2017, p.43.

KERGOAT, Danièle. **Se batter, disent-elles...** Paris: La Dispute, 2012.

MAYAYO, Patricia. **Historias de mujeres, historias del arte.** 4. ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 2011 [2003].

SOUZA, Fabiana Lopes de. ZAMPERETTI, Maristani Polidori. Arte, gênero e cultura visual: um olhar para as artistas mulheres. **Momento: diálogos em educação**, v. 26, n. 2, p. 248-264, jan./jun. 2017.

PAZ, Octavio. **Sor Juana Inés de la Cruz ou As armadilhas da fé:** Octavio Paz Título original: Sor Juana Inés de la Cruz o Lastrampas de la fé Tradução: Wladir Dupont São Paulo: Ubu Editora, 2017 608 pp.